

## ALÉM DO PLANO: A CONSTRUÇÃO DAS CIDADES-SATÉLITES E A DINÂMICA CENTRO-PERIFÉRIA EM BRASÍLIA

Maria Fernanda Derntl  
PPG - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / Universidade de Brasília  
mariafernanda\_d@yahoo.com.br

### RESUMO

Muito se sabe sobre o core planejado de Brasília, o Plano Piloto, mas as suas cidades-satélites permanecem bem menos estudadas. Numa visão corrente, contrapõe-se a ordem do Plano Piloto à desordem das cidades-satélites, vendo-se tais núcleos periféricos como o principal fator de descaracterização da concepção original de Brasília. Este trabalho indaga como a capital modernista inaugurada em 1960 e considerada uma das mais importantes experiências urbanísticas do século 20 teria concebido a ocupação de seu entorno. Para isso, textos e imagens de diversas naturezas pertinentes à primeira década de construção da capital são revisitados, buscando-se identificar o modo como aqueles núcleos foram abordados e incorporados ao discurso oficial. Na escala do território, a análise situa a construção das cidades-satélites em relação com outras iniciativas de apoio à construção de Brasília. Na escala urbana, o trabalho revela planos ainda pouco conhecidos de cidades-satélites em fins dos anos 50 e meados dos anos 60. Também mostra a participação de um grupo mais amplo de arquitetos e planejadores do que os protagonistas já conhecidos. Analisa-se a configuração das cidades-satélites, apontando-se as afinidades com os paradigmas adotados no Plano Piloto e procurando-se situá-los num certo ideário de planejamento. Ao longo do trabalho, sobressai a atuação dos chamados candangos na apropriação e construção dos espaços da capital. A análise leva, enfim, a uma reflexão sobre as especificidades da dinâmica centro-periferia em Brasília. Procura-se tratar das cidades-satélites nem tanto como desvio do plano original, mas sobretudo como parte de uma dinâmica articulada na formação de Brasília.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brasília; cidades-satélites; dinâmica centro-periferia.

## BEYOND THE PLAN: THE CONSTRUCTION OF THE SATELLITE CITIES AND BRASÍLIA'S CORE-PERIPHERY URBAN DYNAMICS

### ABSTRACT

*The planned urban core of Brasília, the Pilot Plan, has been subject to in-depth studies, however, the so-called satellite cities remain less surveyed. They are usually described as the main deviations from the original concept of Brasília and it is commonplace to counterpoint their supposedly disordered appearance to the order of the Pilot Plan. This paper addresses the question of how the modernist capital, inaugurated in 1960 and considered one of the most important urban design experiments of 20th century, had the occupation of its surroundings conceived. Written documents and images relevant to the first decade of the capital's construction were revisited, in order to analyze how those new settlements were approached by and incorporated into the official discourse. From a territorial scale, this paper seeks to place the construction of the satellite cities in relation to other initiatives of support for the creation of the new capital. In the urban scale, it sheds light on the lesser-known plans of these cities of the late 50s and mid 60s. It also shows the involvement of a broader group of architects and planners beyond the well-known protagonists. An analysis of the configuration of the satellite cities is carried out, elucidating its correlations with the urban paradigms incorporated into the project of the Pilot Plan and attempting to pinpoint how they relate to certain urban planning concepts. Throughout this investigation, the involvement of the so-called candangos, the newly arrived workers, is made apparent, as agents in the construction and appropriation of the spaces of the capital. The study leads to a discussion on the particularities of the core-periphery dynamics of Brasília. An effort is made to perceive the satellite cities less as divergences from the original plan than as, above all, a part of an integrated system articulated to the development of Brasília.*

**KEY-WORDS:** Brasília. Satellite cities. Core-periphery urban dynamics.

A relação centro-periferia constitui chave interpretativa fundamental para análise da formação de cidades brasileiras. No âmbito dos estudos urbanos, as noções de centro e periferia usualmente associam-se a dicotomias como pobreza e riqueza, formalidade e informalidade ou planejamento e desordem, por vezes obscurecendo uma complexidade de relações espaciais ou uma multiplicidade de atores envolvidos na produção das cidades.<sup>1</sup> Brasília apresenta condições ímpares para uma reflexão a esse respeito. Afinal, ali se pretendeu que não houvesse uma tradicional relação de desigualdade e segregação entre espaços centrais e periféricos. No entanto, apesar de suas premissas utópicas, a capital acabou se tornando um dos casos mais eloquentes das disparidades existentes em metrópoles. Muito se sabe sobre o seu *core* planejado, o Plano Piloto. Mas como a capital modernista inaugurada em 1960 e considerada uma das mais importantes experiências urbanísticas do século 20 teria concebido a ocupação de seu entorno? Neste trabalho, apresentamos resultados preliminares de pesquisa sobre a história de Brasília, com ênfase nos traçados de suas cidades-satélites entre fins da década de 50 e os anos 60.

O caráter apologético dos escritos iniciais sobre Brasília deve ter contribuído para que sua periferia se mantivesse pouco estudada por muito tempo. Quando o presidente Juscelino Kubitschek, o JK, tomou posse em 1956, já tendo se comprometido a realizar a nova capital, a iniciativa ainda era muito controversa. No discurso oficial de cronistas, memorialistas e altos funcionários do governo, Brasília foi apresentada como iniciativa há muito desejada e defendida por grandes homens em momentos cruciais da história brasileira. Seria “uma velha e boa ideia” e uma “aspiração nacional”.<sup>2</sup> O discurso oficial buscou legitimar a iniciativa, angariar adeptos e neutralizar oposições, apresentando Brasília como fato inevitável e corolário da história da construção da nação. Nessas narrativas, havia pouco espaço para tratar daquilo que acontecia no entorno da cidade, onde se instalaram os chamados candangos, trabalhadores imigrantes vindos em boa parte do Nordeste. No entanto, também não era possível ignorar aquilo que acontecia além do Plano Piloto.

Em suas memórias, JK apresenta as cidades-satélites como “primeiros frutos da política de integração nacional” que ele vinha realizando a partir de Brasília.<sup>3</sup> Na revista *brasília*, órgão oficial de divulgação do andamento das obras, Taguatinga apresenta-se, por ocasião da primeira visita de JK em 9 de agosto de 1958, como núcleo previsto para ser construído em época mais remota, mas, “circunstâncias imprevisíveis de uma calamidade nacional obrigaram a surgir como milagre da operosidade em 15 dias”.<sup>4</sup> Desse modo, o núcleo aparece como obra do governo e resultado de uma condição excepcional – a seca no Nordeste que teria levado à imigração em massa – e não em sua origem conflituosa como demanda de moradores. Na edição especial da revista *brasília* de 21 de abril de 1960, data da inauguração da capital, entre as poucas referências a cidades-satélites há fotos do hospital distrital e da escola Júlia Kubitschek em Taguatinga (Fig. 1). Afirma-se ainda que a Cidade Livre, área de comércio e serviços junto ao acampamento da NOVACAP tinha caráter provisório e logo seria extinta, embora no ano seguinte viesse a ser oficializada como cidade-satélite.<sup>5</sup> Num dos últimos números da revista *brasília*, de 1962-63, as cidades satélites são apresentadas como “núcleos condizentes com a grandiosidade da capital”.<sup>6</sup> Por outro lado, na revista *Acrópole*, periódico mensal publicado entre 1938 e 1971 e órgão fundamental de difusão da arquitetura moderna nos anos 50 e 60, já havia espaço para crítica. Em edição especial de fevereiro de 1960, dedicada à Brasília, Jorge Wilhem criticou as “imensas favelas” e a “política de avestruz” que levava a escamotear o problema da habitação por meio da criação de cidades-satélites.<sup>7</sup> Ainda em 1988, o livro *As cidades-satélites de Brasília* valorizou a criação daqueles núcleos, numa história desprovida de conflitos: Taguatinga, por exemplo, teria sido “cidade nascida do idealismo, da fé e da confiança no grande destino da obra de Brasília”.<sup>8</sup>

---

1 Cf. ROSA, T. T.. Favelas, Periferias: uma reflexão sobre conceitos e dicotomias. IN 33º Encontro Anual da ANPOCS, 2009, Caxambu - MG. 33º Encontro Anual da ANPOCS, 2009.

2 CEBALLOS, Viviane G. de. “E a história se fez cidade...”: a construção histórica e historiográfica de Brasília, 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Estadual de Campinas, 2005. p. 23. MOREIRA, Vânia Maria L. Brasília: a construção da nacionalidade - um meio para muitos fins. Vitória: Edufes. 1998. p. 59. OLIVEIRA, Márcio de. Brasília: o mito na trajetória da nação. Brasília: Paralelo 15, 2005. p. 110.

3 OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek de. Por que construí Brasília. Rio de Janeiro: Bloch, 1974. p. 399.

4 BRASÍLIA: revista da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil. Rio de Janeiro, NOVACAP, ano 2, n. 20, ago. 1958. p. 18.

5 BRASÍLIA: revista da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil. Rio de Janeiro, NOVACAP, n. 40, abr. 1960. p.47.

6 “Mensagem do Prefeito [Ivo de Magalhães]”. BRASÍLIA: revista da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil. Rio de Janeiro, NOVACAP, ano 7, 1962-1963. n. 65-81, maio 1962-set. 1963. p.3.

7 WILHELM, Jorge. “Uma interpretação: Brasília 1960”. ACRÓPOLE, São Paulo, Acrópole, São Paulo, n. 256-257, fev.mar. 1960.

8 VASCONCELOS, Adirson. As cidades-satélites de Brasília. Brasília: do autor, 1988. p.47.



Figura 1- Foto de Escola de Taguatinga no número especial da revista Brasília.

Fonte: BRASÍLIA: revista da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil. Rio de Janeiro, NOVACAP, n. 40, abr. 1960. p. 69.

Boa parte dos primeiros trabalhos acadêmicos a tratar de cidades-satélites provém da área de Antropologia. Em tese de doutorado de 1973, David Epstein analisou extensamente o processo de sua formação e referiu-se ao seu traçado como trabalho feito com muito despreparo:

*a distribuição efetiva dos lotes e o traçado de novas ruas ficaram nas mãos de dois homens, um deles analfabeto, sob a supervisão de um capataz da NOVACAP. Nenhum deles tinha educação formal em planejamento urbano, assistência social ou levantamento topográfico. Traçaram um quadriculado para as ruas, fazendo-as cruzarem-se em ângulos retos.*<sup>9</sup>

No Brasil, Gustavo Lins Ribeiro<sup>10</sup> dedicou-se à experiência do operariado na construção da capital com base em pesquisa de fins dos anos 70. Ainda no campo da Antropologia, o doutorado de James Holston incluiu uma análise da formação da periferia de Brasília entre 1958 e 1965, considerando as cidades-satélites tanto um “desvio em face das intenções originais” como decorrência de sua estrutura de “premissas e paradoxos”<sup>11</sup>.

Na área de História da Arquitetura, em 1973 a historiadora Norma Evenson<sup>12</sup> publicou seu livro sobre a história das capitais Rio de Janeiro e Brasília, no qual se refere aos planos das cidades-satélites. Frederico de Holanda<sup>13</sup> e Maria Elaine Kohlsdorf<sup>14</sup> desenvolveram análises morfológicas sobre os assentamentos no entorno do Plano Piloto. As transformações territoriais mais amplas no DF mereceram análise do geógrafo Aldo Paviani<sup>15</sup>, que desde 1985 observou a necessidade de se considerar Brasília como formação metropolitana, composta por um sistema urbano interligado, de caráter esparso e polinucleado, porém dominada por um centro, o Plano Piloto, com diversos assentamentos periféricos, as cidades satélites. Mais recentemente, entre os trabalhos de maior fôlego na área de Arquitetura e Urbanismo, há a tese de Jusselma Brito<sup>16</sup> e a pesquisa abrangente de Graciete Costa<sup>17</sup>.

Neste trabalho, baseamo-nos também numa seleção da documentação escrita e iconográfica encontrada em arquivos de Brasília, incluindo plantas ao que se sabe inéditas de cidades-satélites nos anos 60. Informações valiosas foram fornecidas por Jayme Zettel, chefe da Divisão de Urbanismo da NOVACAP e pela arquiteta Maria Elisa Costa.

Numa visão corrente, as cidades-satélites são tidas como a principal falha na criação da capital e o motivo de descaracterização da sua ideia original. A oposição entre um centro planejado, o Plano Piloto, e uma periferia desordenada, as cidades-satélites, é a tônica de muitos escritos sobre Brasília. Essa oposição costuma estar associada a outras dicotomias: plano e realidade, ordem e desordem, formalidade e informalidade. Em livros gerais de história da

9 EPSTEIN, David. Brasília, Plan and Reality: a study of planned and spontaneous developments. Berkeley, University of California, 1973, p. 121-122.

10 RIBEIRO, Gustavo Lins. O capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: Editora UnB, 2008.

11 HOLSTON, James. A Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, sobretudo cap. Cidades de rebelião, p. 257-288.

12 EVENSON, Norma. Two Brazilian capitals. London: Yale University Press, 1973.

13 HOLANDA, Frederico de. Brasília: cidade moderna, cidade eterna. Brasília: FAU-UnB, 2010.

14 KOHLSDORF, M. E. “As Imagens de Brasília”. IN PAVIANI, Aldo (Org.). Brasília, ideologia e realidade: o espaço urbano em questão. São Paulo: Projeto, 1985, p. 161-190.

15 PAVIANI, A.: “A metrópole terciária”. IN \_\_\_\_\_ (Org.). Brasília, ideologia e realidade: o espaço urbano em questão. São Paulo, Projeto, 1985. p. 57-79.

16 BRITO, Jusselma Duarte de. De Plano Piloto a metrópole: a mancha urbana de Brasília. 2009. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

17 COSTA, Graciete Guerra da. As regiões administrativas do Distrito Federal de 1960 a 2011. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

arquitetura e do urbanismo, não é incomum que as cidades-satélites estejam associadas ao “não planejado”<sup>18</sup> ou a favelas<sup>19</sup>. Os barracões e construções irregulares foram mesmo marcantes nos primeiros tempos da capital. Em algumas cidades-satélites, talvez a aparência de favela se explique porque houve transferência de moradores para lotes que contavam com plano de arruamento, mas continuaram a ser feitos barracões de madeira e zinco, como aconteceu inicialmente em Taguatinga.<sup>20</sup> De todo modo, a ideia de mera ausência de planos ou projetos não dá conta de explicar a formação das cidades-satélites.

Invertendo a lógica usual, a construção de Brasília iniciou-se pelo que viria a ser sua periferia e não pelo seu centro. A capital seria erguida em área escassamente povoada e de difícil acesso. A cidade de Anápolis, onde desembocava a estrada de ferro de ligação com o Sul foi transformada em ponto de apoio e interligada por rodovia ao sítio da capital. Novas vias foram abertas e construiu-se um campo de pouso. Nos últimos meses de 1956, iniciaram-se as instalações da sede da NOVACAP, acrônimo para Companhia Urbanizadora da Nova Capital, empresa estatal subordinada diretamente ao Presidente, encarregada de planejar e executar as obras. Suas instalações compreendiam área para alojamento de seus trabalhadores, a Candangolândia (Fig.2), e área para comércio e serviços fornecidos pela iniciativa privada, a chamada Cidade Livre ou Núcleo Bandeirante. Ali se constituiu o centro urbano dos primeiros tempos. Ainda em 1956, iniciaram-se outras obras: o Catetinho para residência provisória do presidente; em seguida, o represamento do rio Paranoá e, no ano seguinte, o Palácio da Alvorada, o Hotel Brasília Palace e o aeroporto. Os pontos de apoio no território incluíram o estabelecimento em fins de 1947 de posto do Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC) nas proximidades de Taguatinga, para recepção, triagem e encaminhamento dos migrantes às frentes de trabalho, somando-se ao posto instalado em Anápolis.<sup>21</sup> A cidade preexistente de Planaltina (1859) dava apoio às obras, pois era o centro mais próximo dotado de certa estrutura institucional, tais como cartório. Enquanto se iniciavam obras em torno do que viria a ser o Plano Piloto, em setembro de 1956 publicou-se o Edital do Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil.



Fig 2 - Lonalândia, depois Candangolândia. ca. 1957-60. Foto: Mário Fontenelle. Fonte: Arquivo Público do DF.

Entre as propostas apresentadas para o concurso, havia planos mais ou menos desenvolvidos de ocupação regional. A equipe de Milton Ghiraldini pela Construtécnica S.A. defendeu a ideia de um plano de ordenação territorial, embora sua proposta se tivesse concentrado no plano urbano.<sup>22</sup> O júri elogiou seu “bonito modelo de aldeia agrícola”.<sup>23</sup> Na proposta da equipe de Vilanova Artigas, apresentou-se também um plano regional que previa cidades-satélites e um programa agrícola baseado na instalação de “núcleos coloniais”. Também a equipe de Boruch Millmann previu, além do centro urbano, a criação de cidades-satélites para o desenvolvimento da região. Na avaliação do júri, o “melhor e mais completo” estudo sobre a utilização da terra foi apresentado pela equipe dos irmãos Roberto. Seu detalhado plano regional previa dez distritos rurais, concebendo-se seu crescimento, assim como o da cidade, em etapas planejadas.<sup>24</sup> Como se vê, o planejamento regional e a criação de cidades-satélites eram parte integrante do ideário em voga.

No projeto vencedor de Lucio Costa, justifica-se que o plano se tenha concentrado na concepção urbanística propriamente dita – aquilo “que de fato importa” – considerando-se que a fundação da cidade é que daria ensejo ao posterior desenvolvimento planejado da região.<sup>25</sup> Como se sabe, a cidade desenhada por Lucio Costa tinha origem na criação de dois eixos perpendiculares: o eixo monumental para os principais edifícios político-administrativos e o eixo rodoviário-

18 COLQUHOUN, Alan. La arquitectura moderna: una historia desapasionada. Barcelona: Gustavo Gili, 2005. p. 216.

19 FRAMPTON, Kenneth. História crítica da arquitetura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 312.

20 EPSTEIN, David. Brasília, Plan and Reality...p. 68.

21 BRITO, Jusselma Duarte de. De Plano Piloto a metrópole...p. 92-93.

22 BRAGA, Milton. O concurso de Brasília: sete projetos para uma capital. São Paulo: Imprensa Oficial, Cosac Naify, MUBE, 2010. p. 48.

23 Apud BRAGA, Milton. O concurso de Brasília...p. 64.

24 BRAGA, Milton. O concurso de Brasília: sete projetos para uma capital. São Paulo: Imprensa Oficial, Cosac Naify, MUBE, 2010. TAVARES, Jefferson. Cristiano. Projetos para Brasília e a cultura urbanística nacional. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – EESC-USP. São Carlos, 2004.

25 COSTA, Lucio. “Relatório do Plano Piloto de Brasília [1957]”. IN RELATÓRIO do Plano Piloto de Brasília. Brasília, GDF, 1991. p. 29.

residencial onde se distribuiriam as superquadras residenciais. A cidade corresponderia à figura de um triângulo equilátero, ou seja, uma ocupação contida e bem definida. Nela, todos deveriam ter acesso ao “conforto social” e a “habitações decentes e econômicas”.<sup>26</sup> (Fig. 3).

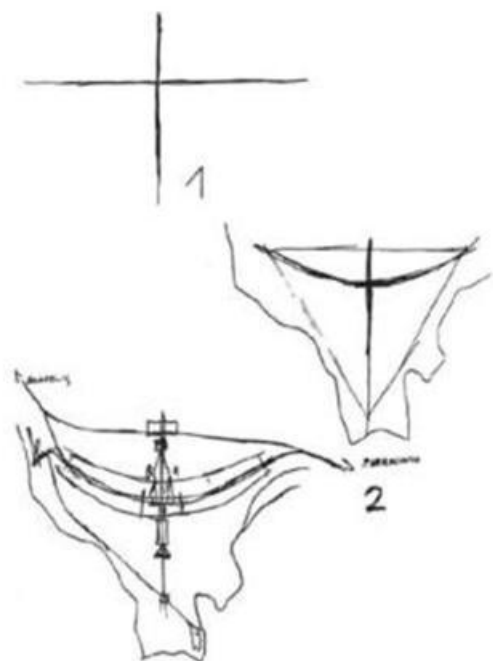


Fig. 3 - Plano Piloto. Desenho de Lucio Costa. Fonte: COSTA, Lucio. “Relatório do Plano Piloto de Brasília [1957].” In: RELATÓRIO do Plano Piloto de Brasília. Brasília, GDF, 1991.

A ideia de que a expansão do Plano Piloto de Lucio Costa poderia ser feita por meio de cidades-satélites foi colocada na apreciação do júri do concurso. Entre as suas críticas, apontava-se a “não especificação do tipo de estradas regionais, especialmente com relação a possíveis cidades-satélites”; entre as “vantagens”, o crescimento da cidade após 20 anos poderia ser feito pelas penínsulas do lago e por cidades-satélites.<sup>27</sup> No entender de um dos membros do júri do concurso, William Holford, figura fundamental na definição do resultado, as cidades-satélites deveriam ser centros agrícolas e industriais, autossuficientes e ligados por rodovias e ferrovias à cidade-mãe.<sup>28</sup> Certamente a ideia de cidade-satélite que se tinha em mente era bem diferente daquilo que já estava em construção nos arredores do sítio do Plano Piloto.

Com a divulgação das notícias sobre a construção de Brasília e das oportunidades que se abriam naquele ponto do planalto central, a fixação de trabalhadores junto ao acampamento da NOVACAP e no entorno do Plano Piloto logo se tornou descontrolada. Construções formais e informais eram feitas de madeira, dando ao Núcleo Bandeirante uma aparência de faroeste, como sugeriu Simone de Beauvoir, entre outros desolados visitantes.<sup>29</sup> (Fig. 4). Os candangos também não davam sinal de que arredariam pé dali, ao contrário do que esperavam as autoridades do governo.

26 COSTA, Lucio. “Relatório do Plano Piloto de Brasília [1957].” IN RELATÓRIO do Plano Piloto de Brasília. Brasília, GDF, 1991, p. 29-43.

27 Holford, William et al. “Apreciação do Júri sobre o projeto de Lucio Costa [1957].” IN RELATÓRIO do Plano Piloto de Brasília. Brasília, GDF, 1991, p. 46-47.

28 Holford, William. “Reflexões sobre o Concurso [19 mar. 1957]” . IN XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio Roberto (Orgs.). Brasília: Antologia Crítica. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 32.

29 SEGAWA, Hugo. A myth that left the greenhouse. DOCOMOMO JOURNAL, Eindhoven, n. 43, p. 34-39 2010/2012.



Fig. 4 - Cidade Livre, depois Núcleo Bandeirante. ca. 1957-60. Foto: Thomas Farkas. Fonte: Arquivo Público do DF .

Já em 1961 o Núcleo Bandeirante foi reconhecido como cidade-satélite, após uma campanha de moradores de ocupações ilegais, com apoio dos comerciantes do local. Ao saber da notícia, em carta ao presidente João Goulart de 20 de dezembro de 1961 Lucio Costa buscou apoio para impedir que isso de fato ocorresse, reafirmando a ideia que teria sido inicialmente prevista:

*a área ocupada a título precário deverá ser gradualmente sangrada, não se fazendo ali benfeitoria alguma e impedindo-se qualquer modalidade de nova "invasão", para que o próprio interesse leve a população a se transferir, pouco a pouco, para o corpo da cidade ou para os núcleo-satélites periféricos.*<sup>30</sup>

Nesse trecho, Lucio Costa repudia a fixação do Núcleo Bandeirante, mas admite outros núcleos satélites periféricos. Mais tarde, Lucio Costa declarou ter concebido o Plano Piloto de forma que, quando estivesse próximo de atingir o limite populacional de 500 a 700 mil habitantes, "seriam criadas na periferia cidades-satélites, pequenas, complementares".<sup>31</sup> E, ainda conforme Lucio Costa, a intenção de Israel Pinheiro, presidente da NOVACAP, era a seguinte:

*uma vez terminada a fase inicial, dos 3 anos iniciais de trabalho intensivo, um terço da população obreira que tinha ido a Brasília para construir a cidade, chegado o momento da inauguração, voltaria para o seu "país" de origem; outro terço seria absorvido pelas próprias atividades locais urbanas; para o terceiro terço – como eram quase todos operários de tradição rural – a solução seria criar um cinturão verde, agrícola, em torno da cidade. Esse era o programa, mas não deu certo porque todos quiseram continuar em Brasília. E a NOVACAP ficou com aquele problema, os operários tinham criado verdadeiras favelas próximas aos canteiros de obras. Embora eles houvessem declarado que não levariam as famílias, depois de 15 dias do mês, estavam todos lá, precisando morar e criando favela em torno de cada grande canteiro [...A criação de cidades-satélites] Talvez não fosse uma solução civilizada em termos europeus, mas [foi] uma solução que deu certo*<sup>32</sup>.

Nesse trecho, Lucio Costa parece ver a criação das cidades-satélites como solução da NOVACAP para um problema criado pelos próprios trabalhadores.

Pode-se supor que a construção de favelas e de habitações precárias em áreas irregulares de Brasília – as chamadas invasões – teria sido inicialmente tolerada pelas autoridades, ou, pelo menos tratada com complacência, já que contribuía para alojar um maior número de trabalhadores necessário à rápida execução do Plano Piloto. As proximidades da Cidade Livre e a rodovia Brasília-Anapólis foram áreas preferenciais para essa ocupação irregular, pois ali se tinha acesso às obras e alguma infraestrutura local. À medida que o Plano Piloto ia sendo construído e firmava-se como centro de empregos e serviços, consolidou-se uma política de remoção de favelas e assentamento de populações mais pobres em subúrbios-dormitório, as chamadas cidades-satélites.(Fig.5) Em 1958, iniciou-se tal política com Taguatinga, a primeira delas; seguida pelo Gama em 1959 e Sobradinho em 1960. A Cidade Livre foi oficializada como cidade-satélite em 1961, depois de violentos confrontos entre a polícia e moradores que se recusaram a sair de lá. A formação de associações de moradores para reivindicar a legalização de posses de terra, serviços urbanos como água, esgoto e eletricidade ou evitar a sua remoção esteve na origem da criação de Taguatinga, Sobradinho e do Núcleo Bandeirante.<sup>33</sup>

Já desde a criação da Sociedade de Habitações Econômicas de Brasília - SHEB em 1962, a política de remoção das chamadas invasões estruturou-se para oferecer habitação popular em grande escala nos subúrbios. Depois do golpe militar de 64, outros órgãos vieram a atuar nessa linha: a Sociedade de Habitações de Interesse Social – SHIS (1966) e a

30 Carta de Lucio Costa ao presidente João Goulart. 20 dez. 1961. Acervo Casa Lucio Costa, III.B.13-00912.

31 Cf. OLIVEIRA, Giovanna Ortiz de. Lucio Costa. Entrevista, São Paulo, ano 06, n. 023.03, Vitruvius, jul. 2005 <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/06.023/3313>. Acesso em: 18 fev. 2016.

32 Cf. OLIVEIRA, Giovanna Ortiz de. Lucio Costa. Entrevista, São Paulo, ano 06, n. 023.03, Vitruvius, jul. 2005 <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/06.023/3313>. Acesso em: 18 fev. 2016.

33 HOLSTON, James. A Cidade Modernista... cap. 3.



Comissão de Erradicação de Favelas – CEI (1969). Em 1967, iniciou-se a construção de quase nove mil unidades habitacionais naquela que seria a cidade-satélite do Guará (antes Setor de Residencial de Indústria e Abastecimento).<sup>34</sup> A partir de 1969, a Ceilândia surgiu como solução de vulto conduzida pela CEI. Os núcleos preexistentes de Planaltina e Brazlândia também foram ampliados para receber moradores de remoções em 1969.

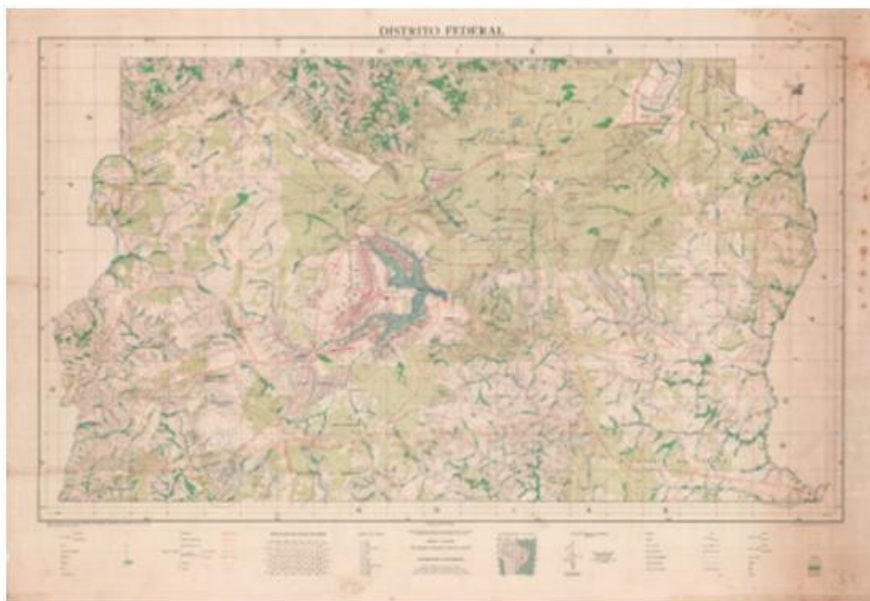


Fig. 5: Mapa do Distrito Federal em 1963. Fonte: Arquivo Público do DF.

A criação de cidades-satélites para a população de baixa renda viria a se articular a iniciativas para o planejamento do espaço rural do Distrito Federal. Diante do problema do abastecimento dos acampamentos de obras, desde 1957 o Governo Federal distribuiu lotes rurais para produção agropecuária em sistema de cooperativa. Construíram-se quatro granjas-modelo nos arredores do Plano e idealizou-se um sistema de cinco agrovilas para produção agrícola – denominadas Unidades SócioEconômica-Rurais ou USERS – cada uma delas contando com hospital, escola primária, cinema, igrejas. Elas estariam localizadas em Sobradinho, Taguatinga, Gama, Nova Betânia e Brazlândia. Em 1959, a NOVACAP tinha também um plano de distribuição de uma rede hospitalar no Distrito Federal, centralizada no hospital de base de Brasília e regionalizada em hospitais rurais no entorno do Plano Piloto. Nenhuma das USERS foi instalada como tal, mas Sobradinho e Taguatinga iniciaram sua produção agrícola, comercializada no mercado do Núcleo Bandeirante. Nos anos 70, como se vê em Taguatinga, lotes rurais seriam desapropriados e integrados ao traçado urbano de cidades-satélites.<sup>35</sup>

A existência de povoados provenientes da ocupação rural do território foi uma referência para a escolha dos locais onde seriam implantadas algumas das primeiras cidades-satélites. As principais estradas de acesso a Brasília em diferentes direções também balizaram sua implantação. Outra importante referência para a situação das cidades-satélites é a bacia hidrográfica do Paranoá. A questão sanitária tornou-se a justificativa para o estabelecimento de um cinturão com 10 a 40 km de largura ao redor do Plano Piloto, separando-os dos assentamentos-satélites e consolidando uma dinâmica centro-periferia.

Jovens arquitetos da equipe chefiada pelo arquiteto Jayme Zettel, da Divisão de Urbanismo então encarregada de detalhar e desenvolver o traçado do Plano Piloto, foram designados para fazer planos das cidades-satélites. A autoria de tais planos é controversa, pois muitas das plantas realizadas pelos órgãos oficiais não tinham assinatura e é provável que mais de um funcionário tenha participado da elaboração de uma mesma cidade-satélite. Taguatinga teria tido seu plano traçado por Lucio Pontual Machado, engenheiro e professor da FAU-UnB até 1965, e Milton Pernambuco da Rocha. Sobradinho teria tido plano de autoria do arquiteto carioca Paulo Hungria Machado, indicado para a tarefa por Lucio Costa com quem teria trabalhado no IPHAN.<sup>36</sup> Paulo Hungria teria sucedido o engenheiro cearense Inácio Ferreira Lima. O mesmo Paulo Hungria também teria feito o plano do Gama, junto com o arquiteto Gladson da Rocha Pimentel. Atribui-se o plano de Guará a Ney Gabriel de Souza e Paulo Magalhães. O plano de expansão de Planaltina é também atribuído ao arquiteto Paulo Barbosa Magalhães. Ceilândia também teve projeto inicial de Ney Gabriel de Souza.

As referências teóricas para o traçado dos planos das cidades-satélites compreendiam o ideário da cidade-jardim, o Plano de Reconstrução de Londres (1944) de Patrick Abercrombie e as tabelas de dimensionamento de equipamentos urbanos preconizadas por Giorgio Rigotti. Como observou Sarah Feldman, a dimensão regional de planejamento urbano emergiu no Brasil na década de 50, incorporando referências ao Plano de Londres e a seus instrumentos urbanísticos,

34 BRITO, Jusselma Duarte de. De Plano Piloto a metrópole... p. 135

35 RABELO JR. Manoel. Os núcleos rurais do Distrito Federal. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1992.

36 Cf. rascunho de carta de Lucio Costa a Israel Pinheiro contendo indicação de Paulo Hungria Machado. Sem data. Acervo Casa Lucio Costa.

considerando como elementos de hierarquização da organização do território as unidades de vizinhança, as cidades-satélites e os cinturões verdes.<sup>37</sup> Tais elementos estiveram na base teórica da elaboração das cidades-satélites de Brasília. As experiências inglesas foram estudadas *in loco* por Jayme Zettel, nos anos em que esteve trabalhando no London County Council com Percy Johnson-Marshall. Gladson da Rocha, autor do plano do Gama (1965), viveu na capital inglesa por dois anos e, por indicação de William Holford, participou de projetos de new towns feitos pelo Ministry of Housing and Local Government.

Os desenhos de cidades-satélites que conhecemos foram realizados desde os anos 60, portanto elaborados assim que se previu a transferência de populações. São traçados concebidos segundo os paradigmas modernistas do Plano Piloto, mas com grandes diferenças no modo de efetivá-los. Nesses planos, predominam as baixas densidades, em superquadras ocupadas por lotes para casas unifamiliares. São planos de arruamento essencialmente, para núcleos que demoraram a contar com serviços de água, esgoto ou energia elétrica. Estima-se que até meados da década de 70, redes de esgoto em larga escala só existiam no Plano Piloto e seu entorno imediato.<sup>38</sup> Vale a pena nos determos em alguns desses planos de cidades-satélites.

Uma planta de Taguatinga em 1964, apenas seis anos depois da criação oficial da cidade-satélite, mostra uma malha urbana limitada pela Estrada Parque do Contorno e cortada em sua parte central pela Estrada Parque Taguatinga, ao longo da qual estão os principais equipamentos urbanos: escolas, igreja, hospital e setor hoteleiro, criando duas áreas de extensão mais ou menos simétrica. (Fig. 6) Tal configuração valeu o comentário de Epstein equiparando-a a uma “espécie de imitação do Plano Piloto”.<sup>39</sup> A malha urbana de Taguatinga não tem a mesma clareza ou continuidade do Plano Piloto e, embora suas partes sejam baseadas nos mesmos princípios, há distinções na disposição e orientação de quadras indicando fases diversas de expansão do núcleo. A planta do setor H Norte em 1962, época em que havia sido recém-criado, é expressiva dos padrões de planejamento utilizados. Trata-se de um setor contido entre grandes avenidas, formado por onze quadras longitudinais com 320m de comprimento e 70m de largura, nas quais se dispõe uma sequência contínua de lotes de 10,00 x 35,00m, acessados por *cul-de-sac*. Na parte central do traçado está uma quadra reservada para comércio, escola e o mercado. Uma planta do setor QNL já de 1970 mostra lotes menores, de 10,0 x 20,00m, onde seriam construídas casas pelo Sistema de Habitações de Interesse Social.



Fig 6 - Planta de Taguatinga. 1964. Fonte: CODEPLAN. Acervo da Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação.

37 FELDMAN, S. 1950. A década de crença no planejamento regional no Brasil. In: XIII Encontro Nacional da ANPUR, 2009, Florianópolis. XIV Encontro Nacional da ANPUR. Florianópolis: ANPUR/UFSC, 2009. v. 01. p. 1-23.

38 BRITO, Jusselma Duarte de. De Plano Piloto a metrópole...p. 140.

39 EPSTEIN, David. Brasília, Plan and Reality...p. 71.



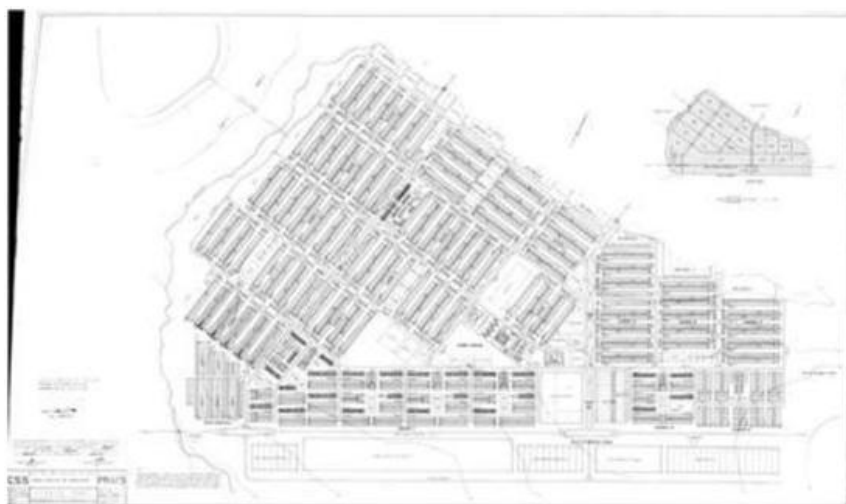


Fig. 7. Planta de Sobradinho. 1965. Fonte: CODEPLAN. Acervo da Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação.

A planta geral de Sobradinho em 1965 mostra aquele núcleo um ano depois da sua instituição como região administrativa. (Fig. 7). Estava então limitado pela rodovia Brasília-Fortaleza (BR-41) e pela Estrada do Contorno, prevendo-se já área para expansão futura. A planta está constituída pela agregação de malhas urbanas compostas por superquadras distribuídas ortogonalmente ou na diagonal, de modo que entre elas se formaram grandes áreas livres triangulares destinadas a equipamentos urbanos tais como escolas, quadras esportivas e parques, além de edifícios administrativos. Nos arredores do núcleo estavam áreas para indústria. Nas superquadras, há clara distinção entre vias de veículos e pedestres. Espaços verdes de uso comum localizam-se nos fundos dos lotes.

A planta geral da cidade-satélite do Gama em 1965, cinco anos após sua criação, está delimitada pela Estrada do Contorno, pelo córrego Crispim e por áreas de expansão (Fig.8). Este caso é um pouco distinto dos demais pois em alguns setores os lotes agrupam-se definindo figuras hexagonais. Há uma mais clara hierarquização do sistema viário: avenidas principais, ruas mais largas no perímetro das quadras e ruas de acesso local em *cul-de-sac*. Entre as quadras, há grandes áreas abertas contínuas para "serviços de utilidade pública". No mesmo ano de 1965, o autor de seu plano, arquiteto Gladson da Rocha, informava sobre os princípios de sua composição.<sup>40</sup> O núcleo contava então com 30 mil habitantes, prevendo-se expansão até 110.000. Embora reconhecesse que o padrão de sua população era "o mais modesto possível", esperava que, assim como em outros núcleos-satélites, sua população viesse a ter melhores condições de vida. O núcleo deveria ser ligado ao Plano Piloto por transporte "em poucos minutos", inclusive através de "monorails". No setor central, em formato pentangular, os centros cívico e comercial estariam "organizados social e praticamente em função da postura volumétrica da grande Plataforma, ao longo da faixa central". Ali haveria também escritórios, setores de diversões e hotéis, hospital, praças e estacionamentos. Essa descrição evoca a parte central do Plano Piloto, também dominada pela rodoviária junto aos setores de hotéis e diversões.

A cidade-satélite Núcleo Bandeirante teve origem diferente daquelas antes citadas, pois nesse caso houve fixação da população ali residente desde os tempos da construção. Comparando-se o mapa da cidade livre em 1959 conforme reconstituição feita por Gustavo Lins Ribeiro<sup>41</sup> e fotos da época com uma planta do início dos anos 60 (Fig. 9), vê-se que o traçado viário anterior da Cidade Livre foi mantido em suas linhas gerais. As quadras longitudinais antes existentes na Cidade Livre foram transformadas em superquadras ocupadas por duas fileiras de 9 a 11 lotes dispostos paralelamente às avenidas, formando agrupamentos separados por espaços verdes e por quadras para os equipamentos urbanos. Impôs-se uma subdivisão dos grandes lotes anteriores e uma mudança de lógica, pois antes as casas estavam voltadas para as grandes avenidas e, no novo plano, passaram a dispor-se paralelamente a elas.

40 ROCHA, Gladson. "Projeto urbanístico para o setor central do Gama." IN \_\_\_\_\_. Minha opção por Brasília: planejamento urbano e arquitetura. Brasília: Thesaurus, 1996, p. 19-21.

41 RIBEIRO, Gustavo Lins. O capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: Editora UnB, 2008. p. 72.

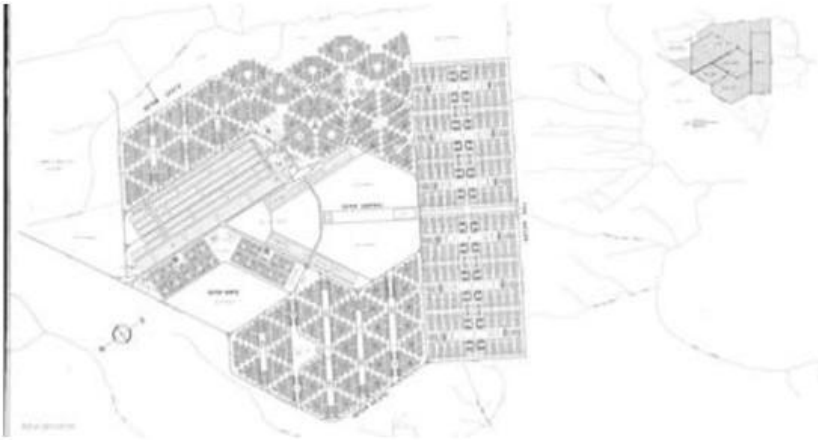


Fig.8: Gama.1965. Fonte: CODEPLAN. Acervo da Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação.



Fig.9: Núcleo Bandeirante. 1959. Fonte: Divisão de Arquitetura e Urbanismo – GDF. Acervo da Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação.

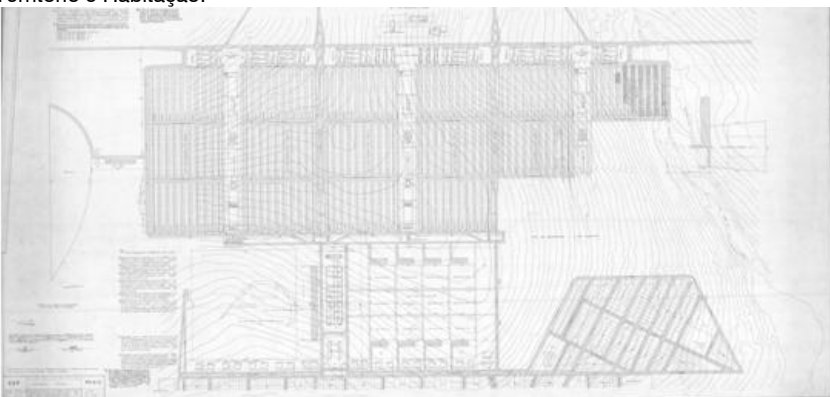


Fig. 10: Planaltina 1966. Fonte: CODEPLAN. Acervo da Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação.

Uma planta de Planaltina em 1966 assinada por Paulo Magalhães mostra a parte expandida da cidade com seus vários setores (Fig.10). As quadras têm 200 x 290m, são acessíveis por *cul-de-sacs* e ocupadas por fileiras individuais de lotes. Os “centros de quadra”, onde estão os equipamentos, dispõem-se a cada duas faixas de quadras. Os setores de educação, hospitalar, mercados, hotéis, diversões e comercial central estão ao leste da Av. Independência, dividindo a parte nova da “cidade tradicional”.

Como mostram esses planos de diferentes cidades-satélites, apesar das suas distintas origens – acampamento de obras, novos subúrbios ou povoado existente – mantiveram-se princípios similares na sua organização. Muitos planos, pouco planejamento. Apenas em meados dos anos 70 observam-se ações mais articuladas no sentido de um planejamento territorial do Distrito Federal. Em 1974, no I Seminário de Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília, a necessidade de planejamento é a tônica dos debates e aparece com força o problema das cidades-satélites. No mesmo ano, um levantamento de “invasões” existentes no DF mapeou 14 áreas ocupadas por barracos, muitas delas nas imediações de cidades-satélites. O estudo considera que muitas dessas invasões tinham tido início em fins dos anos 50 em razão, em grande parte, da mudança de famílias que não tinham como pagar os aluguéis nas cidades-satélites, mas ainda utilizavam seu comércio e serviços.<sup>42</sup> Ainda em 1974, realizaram-se estudos para a formulação de uma política de organização espacial do Distrito Federal, considerando a metropolização de Brasília.<sup>43</sup> Anos depois, o Plano Estrutural de Organização

42 GDF. Secretaria de Serviços Sociais. O comportamento das invasões no Distrito Federal. Brasília: s/n, 1975.

43 SANTANA, R. N. Monteiro de. Espaço e planejamento: uma estratégia para o Distrito Federal. Brasília, DF: UnB, 1976.

Territorial (PEOT, 1977), pode ser considerado “um marco inicial do ponto de vista de uma geração de macrozoneamentos do território”<sup>44</sup>.

Como se viu, na lógica de urbanização do Distrito Federal, logo se estabeleceu uma dinâmica entre um centro, o Plano Piloto, e a periferia ocupada por cidades-satélites. No entanto, tal dinâmica não pode ser descrita pela mera contraposição entre formal e informal, planejamento e desordem. Desde o início da construção de Brasília até os anos 70, o Plano Piloto e os núcleos-satélites foram criados de modo articulado e interdependente, tendo por base paradigmas similares, tanto na escala da organização urbana como na maneira de se conceber o território.

Lucio Costa não deixou de perceber o papel das cidades-satélites em relação ao Plano Piloto. Em seu Brasília revisitada, de 1985-87, o arquiteto condenou o “surgimento precoce e improvisado das cidades-satélites” e o “alastramento suburbano extenso e rasteiro”, de modo contrário a suas proposições originais. Porém, também reconheceu que, graças à existência dessas cidades-satélites, o Plano Piloto manteve as suas feições originais.<sup>45</sup> Na mesma ocasião, Lucio Costa lembrou ainda os problemas para o transporte coletivo decorrentes da situação, já que dois terços da população metropolitana viviam então nos núcleos periféricos.

Brasília expressa de modo mais claro e agudo do que outras metrópoles brasileiras a disparidade entre centro e áreas periféricas. Embora muitas das cidades-satélites – denominação agora proibida por lei<sup>46</sup> – desempenhem o papel de centros locais, o Plano Piloto concentra menos de 10% dos moradores do Distrito Federal, mas 70% dos seus empregos.<sup>47</sup> O índice de desigualdade social é maior em Brasília do que no Rio de Janeiro ou São Paulo.<sup>48</sup>

O estudo das cidades-satélites de Brasília leva a ver as especificidades de sua dinâmica centro-periferia. Mostra também uma outra forma de produção dos espaços da capital. Sobressai a participação dos candangos na construção e apropriação desses espaços. Também vem à luz o trabalho de arquitetos pouco conhecidos ou ausentes da historiografia tradicional sobre a cidade. Brasília pode ser então vista “como uma criação mais coletiva e menos demiúrgica”.<sup>49</sup> Considerar as cidades-satélites como parte da formação de Brasília pode ser útil para se reavaliar criticamente o *modelo* Brasília e suas repercussões.

## AGRADECIMENTO

A participação no XIV SHCU contou com apoio financeiro da FAP-DF e do PPG-FAU-UnB.

## REFERÊNCIAS

- BATISTA, G. S. N.; FICHER, Sylvia; LEITÃO, F.; FRANÇA, D. A. de. “Brasília, uma história de planejamento.” IN 10º Encontro Nacional da ANPUR, 2003, Belo Horizonte. Anais do 10º Encontro da ANPUR. Belo Horizonte: ANPUR, 2003. v. 1. p. 1-18.
- BRAGA, Milton. O concurso de Brasília: sete projetos para uma capital. São Paulo: Imprensa Oficial, Cosac Naify, MUBE, 2010.
- BRASÍLIA: revista da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil. Rio de Janeiro, NOVACAP, ano 2, n. 20, ago. 1958.
- BRASÍLIA: revista da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil. Rio de Janeiro, NOVACAP, n. 40, abr. 1960.
- BRASÍLIA: revista da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil. Rio de Janeiro, NOVACAP, ano 7, 1962-1963. n. 65-81, maio 1962-set. 1963.
- BRITO, Jusselma Duarte de. De Plano Piloto a metrópole: a mancha urbana de Brasília. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- CEBALLOS, Viviane G. de. “E a história se fez cidade...”: a construção histórica e historiográfica de Brasília, Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.
- COLQUHOUN, Alan. La arquitectura moderna: una historia desapasionada. Barcelona: Gustavo Gili, 2005

---

44 SCHVARSBERG, Benny. O processo de planejamento urbano e territorial de Brasília. IN DERNTL, Maria Fernanda, SABOIA, Luciana (Org.). Brasília 50 +50: cidade, história e projeto. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014, p. 50-65.

45 COSTA, Lucio. Brasília revisitada, 1985-1987: complementação, preservação, adensamento e expansão urbana. IN LEITÃO, Francisco (Org.). Brasília 1960-2010: passado, presente e futuro. Brasília: GDF, 2009. p.69-78.

46 Cf. Decreto nº 19.040, de 18 de fevereiro de 1998.

47 Cf. Anuário do DF 2016. Disponível em: < <http://www.anuariodof.com.br/regioes-administrativas/ra-i-brasilia/>> Acesso: 18 fev. 2016.

48 Cf. dados do IBGE em 2003, o índice de pobreza e desigualdade social na capital federal de 37,71% , no Rio de Janeiro é de 23,85% e em São Paulo 28,09%.

49 BATISTA, G. S. N.; FICHER, Sylvia; LEITÃO, F.; FRANÇA, D. A. de. Brasília, uma história de planejamento. IN 10º Encontro Nacional da ANPUR, 2003, Belo Horizonte. Anais do 10º Encontro da ANPUR. Belo Horizonte: ANPUR, 2003. v. 1. p. 1-18.

- COSTA, Graciete Guerra da. As regiões administrativas do Distrito Federal de 1960 a 2011. 2011. 513, 165 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011
- COSTA, Lucio. Relatório do Plano Piloto de Brasília [1957]. In: RELATÓRIO do Plano Piloto de Brasília. Brasília, GDF, 1991.
- COSTA, Lucio. "Brasília revisitada, 1985-1987: complementação, preservação, adensamento e expansão urbana". IN LEITÃO, Francisco (Org.). Brasília 1960-2010: passado, presente e futuro. Brasília: GDF, 2009.
- EPSTEIN, David. Brasilia, Plan and Reality: a study of planned and spontaneous developments. Berkeley, University of California, 1973.
- EVENSON, Norma. Two Brazilian capitals. London: Yale University Press, 1973.
- FELDMAN, S. 1950. "A década de crença no planejamento regional no Brasil." IN XIII Encontro Nacional da ANPUR, 2009, Florianópolis. XIV Encontro Nacional da ANPUR. Florianópolis: ANPUR/UFSC, 2009. v. 01. p. 1-23.
- FRAMPTON, Kenneth. História crítica da arquitetura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.312
- GDF. Secretaria de Serviços Sociais. O comportamento das invasões no Distrito Federal. Brasília: s/n, 1975.
- HOLANDA, Frederico de. Brasília: cidade moderna, cidade eterna. Brasília: FAU-UnB, 2010.
- HOLFORD, William et al. Apreciação do Júri sobre o projeto de Lucio Costa [1957]. IN RELATÓRIO do Plano Piloto de Brasília. Brasília, GDF, 1991.
- HOLFORD, William. "Reflexões sobre o Concurso [19 mar. 1957]" IN XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio Roberto (Orgs.). Brasília: Antologia Crítica. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- HOLSTON, James. A Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- KOHLSDORF, M. E. "As Imagens de Brasília." IN PAVIANI, Aldo (Org.). Brasília, ideologia e realidade: o espaço urbano em questão. São Paulo: Projeto, 1985, p. 161-190.
- MOREIRA, Vânia Maria L. Brasília: a construção da nacionalidade - um meio para muitos fins. Vitória: Edufes. 1998.
- OLIVEIRA, Márcio de. Brasília: o mito na trajetória da nação. Brasília: Paralelo 15, 2005.
- OLIVEIRA, Giovanna Ortiz de. Lucio Costa. Entrevista, São Paulo, ano 06, n. 023.03, Vitruvius, jul. 2005 <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/06.023/3313>. Acesso em: 18 fev. 2016.
- OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek de. Por que construí Brasília. Rio de Janeiro: Bloch, 1974.
- PAVIANI, A. "A metrópole terciária". IN \_\_\_\_\_ (Org.). Brasília, ideologia e realidade: o espaço urbano em questão. São Paulo, Projeto, 1985. p. 57-79.
- RABELO JR. Manoel. Os núcleos rurais do Distrito Federal. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1992.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. O capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: Editora UnB, 2008.
- SCHVARSBERG, Benny. "O processo de planejamento urbano e territorial de Brasília." IN DERNTL, Maria Fernanda, SABOIA, Luciana (Org.). Brasília 50+50: cidade, história e projeto. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014, p. 50-65.